

**O PASSADO COMO RECURSO:
SOCIABILIDADE, AUTORIDADE E MEMÓRIA NO CENTRO-OESTE
PAULISTA**

**THE PAST AS RESOURCE:
SOCIABILITY, AUTHORITY AND MEMORY IN CENTER WEST SÃO
PAULO**

Carlos Eduardo Machado¹

Resumo

Neste artigo, proponho tratar o passado como um recurso simbólico, apoiando-me em algumas ideias esboçadas pelo antropólogo indiano Arjun Appadurai em seu famoso artigo *The past as a scarce resource man*, publicado em 1981. Colocado nestes termos, analiso o caso empírico dos habitantes de Borá, uma pequena cidade localizada no interior do estado de São Paulo. O objetivo é o de compreender como as famílias mais antigas constroem o discurso sobre o passado e a forma como administram dessa forma a memória coletiva da população. O parentesco e a descendência caracterizam alguns aspectos dessa relação com o passado. No entanto, o que legitima se sentirem como os *narradores autorizados* da história local é o consenso constituído em torno das representações do pioneirismo. Resumindo, procuro percorrer com o leitor os caminhos da pesquisa, apresentar os informantes que conheci no curso do trabalho de campo e demonstrar como a sociabilidade também se configura através do passado. Os dados apresentados são fruto da pesquisa etnográfica realizada entre os anos de 2011-2012, em Borá (mais precisamente, com visitas intercaladas realizadas semanalmente ou mensais). Na apresentação dos dados, relato, em primeira pessoa, as relações e situações vivenciadas, buscando narrar através descrição etnográfica minha inserção e experiência em campo. Além disso, utilizo fontes secundárias que permitiram análise de conteúdo e consulta a literatura especializada, principalmente, em diálogo com a teoria antropológica.

Palavras-Chave: Passado. Sociabilidade. Temporalidades. Memória.

Abstract

In this article, I propose to treat the past as a symbolic resource, supporting me some ideas outlined by the Indian anthropologist Arjun Appadurai in his famous article *The past as a scarce resource man*, published in 1981. Put in these terms, I analyze the empirical case of the inhabitants of Borá, a small town located in the state of São Paulo. The goal is to understand how the older families build the discourse about the past and how they manage that way the collective memory of the population. Kinship and descent characterize some aspects of this relationship with the past. However, what legitimizes feel as authorized narrators of local history is the consensus formed around the representations of pioneering. In short, I try to go with the reader the paths of research, present their formants who met in the course field work and demonstrate how sociability also configures through the past. The data presented are the result of ethnographic research conducted in the years 2011-2012 in Borá (more precisely, interspersed with visits weekly or monthly). In presenting the data, reporting, first-person, relationships and situations experienced, trying to narrate through ethnographic

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista, Unesp. cadumachado@ymail.com

description my insertion and Field experience. Also, it uses secondary sources that allowed content analysis and consulting the literature, especially in dialogue with the anthropological theory.

Keywords: Past. Sociability. Temporality. Memory.

Introdução

As narrativas sobre o pioneirismo de certos grupos na chegada a um território virgem são mais comuns do que parecem à primeira vista e são registrados em diferentes contextos pelo Brasil (Cf. MARQUES, 2013). A insígnia dos “desbravadores”, a honra de terem sido “os primeiros”, são algumas das terminologias mais recorrentes². Em Borá³, no interior do estado de São Paulo, o passado é quase sempre evocado nos discursos para legitimar a origem ou o pertencimento dos habitantes às linhagens das famílias pioneiras.

No caso que analiso neste artigo, o passado é compreendido não através de seu sentido clássico de duração temporal (FABIAN, 2013), ao contrário, ele é pensado no tecer das relações sociais e ao mesmo tempo entendido como um *recurso simbólico* (APPADURAI, 1981), que se realiza por meio da memória coletiva e da sociabilidade que constitui.

Mais do que contarem uma trajetória inaugural, as narrativas sobre a chegada das famílias pioneiras em Borá investem determinados atores e grupos de autoridade e legitimidade para operarem uma construção cultural do passado.

O objetivo deste artigo é o de explorar como as narrativas que ensejam o mito dos pioneiros são administradas pelas famílias mais antigas através de sua rede de parentesco e de amizades. Para isto, parto do material etnográfico produzido no curso da pesquisa de campo.

² Nos últimos anos o avanço do agronegócio, como também ocorre em Borá com a cana-de-açúcar, tem sido analisado como um fenômeno social de diferentes ordens e implicações. Na pesquisa *Sociedade e Economia do Agronegócio: um estudo exploratório*, Beatriz Heredia (et. al. 2010), entre outros autores que coordenaram o estudo, apontaram que em algumas localidades no país tem sido comum pesquisadores registrarem narrativas da população local sobre os pioneiros. Heredia identifica o fenômeno como um retorno à *ideologia do pioneirismo* entre grupos e indivíduos que tiveram suas trajetórias ligadas à expansão do agronegócio e vivenciam processos de mudança social deles decorrentes.

³ Borá possui atualmente 837 habitantes. Até 2010 o quantitativo populacional atingia os 805 habitantes. A cidade foi considerada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) como sendo a menor população do país. O crescimento da população se deve a reativação de uma usina nas redondezas da cidade, isto fez com que um fluxo migratório fosse desencadeado por causa da oferta de trabalho. Cerca de 101 casas populares foram construídas para adequar a infraestrutura local e receber os novos moradores (em sua maioria são trabalhadores migrantes da região Nordeste do país). Hoje Borá não é mais a menor cidade brasileira. Atualmente no ranking figura Serra da Saudade, uma pequena cidade mineira, com cerca de 814 habitantes.

Este artigo faz parte de um trabalho mais amplo, resultado do curso de mestrado em Ciências Sociais (UNESP)⁴. Os dados apresentados são foram construídos a partir do trabalho de campo realizado em Borá entre os anos de 2011-2012, onde foram feitas visitas semanais e mensais a campo. Neste período, foi possível realizar entrevistas, coletar depoimentos, fazer contatos com interlocutores, registrar conversas informais e fazer observação direta.

Na pesquisa, optamos por adotar como recurso metodológico a etnografia, entendendo ser por excelência um método de compreensão de lógicas particulares e categorias nativas (BORGES, 2010). Assim, o próprio texto reflete essa perspectiva metodológica na medida em que, em determinados momentos, descrevo, em primeira pessoa, minha própria chegada e inserção em campo. Como, da mesma forma, descrevo as primeiras relações com meus interlocutores e a forma como se desdobraram em outras relações⁵. Para confeccionar os demais dados, também são utilizadas fontes secundárias, mais especificamente a monografia de Valdirene Marconato, *Borá: saudades do recanto* (1997). Procuro traçar um diálogo com a teoria antropológica e demais etnografias que nos auxiliam a pensar as questões abordadas.

Na sequência do artigo apresento, primeiramente, uma descrição do desenvolvimento da pesquisa, o que por sua vez tem relação direta com o que procuro demonstrar sobre as formas de sociabilidade em Borá. Em seguida, exploro as questões relacionadas ao passado, buscando compreender de que forma ele é acionado como recurso simbólico pelas famílias mais antigas. Por fim, analiso a construção das temporalidades e as condições sociais que envolvem sua produção em Borá.

1. Entre informantes e informações: sociabilidades e o “conhecer” como *capital local*

Realizei a primeira visita a Borá em 11 de fevereiro de 2011. Cheguei a cidade por volta das 9:30 pela manhã. O objetivo era tomar algumas impressões gerais para que

⁴ A dissertação *Temporalidades em Borá: mudança e pertencimento em um pequeno município no Centro-Oeste paulista*, em fase de conclusão, é fruto do trabalho de campo iniciado em 2011, que culminou na monografia de conclusão de curso intitulada *Os santos de casa: um estudo sobre família, comunidade e religião no menor município brasileiro* (Cf. MACHADO, 2013; 2014).

⁵ James Clifford (1998, p. 41) disse certa vez que algo singular no texto e na escrita etnográfica é que “o texto, diferentemente do discurso, pode viajar”. Adoto aqui essa perspectiva, trazendo em boa parte do texto descrições extraídas do próprio caderno de campo, procurando restituir aos interlocutores aquilo que disseram e vivenciavam.

pudesse formular questões para elaborar um breve *survey* e daí partir para a construção do projeto de pesquisa que realizaria na pesquisa de IC na graduação.

Na ocasião, conversei com algumas pessoas que abordei em situações distintas, buscando informações gerais sobre a vida na cidade. Uma dessas pessoas foi dona Antônia (90 anos), de nacionalidade portuguesa, uma das moradoras mais antigas de Borá. O contato que tive com minha interlocutora foi completamente ocasional. No final do dia, por volta das 17 horas, quando eu havia decidido finalizar o trabalho, ao caminhar pelas ruas avistei duas mulheres conversando na área de uma casa construída de madeira, distinta das demais que a cercavam feitas de alvenaria. Aproximei-me do portão e as cumprimentei. Disse quem era e que estava iniciando uma pesquisa na cidade. Minhas interlocutoras eram dona Antônia e sua filha, que de prontidão abriu o portão para que entrasse e pudéssemos conversar melhor.

Ao adentrar o espaço, notei que através da porta da sala havia imagens de santos pelas paredes, junto delas também figuravam retratos de familiares emoldurados em porta retratos antigos. Dona Antônia, depois que indaguei quem eram aquelas pessoas, disse “são meus antepassados, meus pais e avós”.



Figura 1: Sala da casa de dona Antônia. Fotografia registrada em 2011. **Fonte:** Compõe o material etnográfico da pesquisa (cf. material completo ver Machado (2014; 2012)).

Perguntei a respeito da religiosidade de ambas, disseram ser católicas e logo me convidaram para ver as imagens que figuravam na parede da sala. Dona Antônia era uma pioneira. Viera com seus pais de Portugal para o Brasil nas primeiras décadas do século 20. “Eu tinha 15 anos quando viemos pra cá. Ajudei a arrancar as matas, era

tudo mato aqui, tinha umas poucas famílias portuguesas e também italianas no começo” (Antônia, 90 anos).

Aproveitando a conversa com dona Antônia, questionei a respeito da usina que havia sido reativada na região (ver nota 2). Disse para minhas interlocutoras que havia notado homens sentados nas sombras das árvores pela praça no horário do almoço, por volta das 12 horas, pensei que fossem trabalhadores da usina. Elas confirmaram, dizendo que depois da reativação da usina a cidade havia mudado bastante. Nas épocas de safras quando os trabalhadores migrantes vão para a região, aumenta a circulação de pessoas e eles sempre estão transitando por Borá. Dona Antônia completou dizendo: “Antes a gente conhecia todo mundo, agora, não se sabe mais quem é quem, não conhece mais quem passa pela rua”.

No curso de nossa conversa, questionei-as se saberiam me indicar mais alguém com quem pudesse falar para saber mais sobre a história das famílias pioneiras e sobre o desenvolvimento da cidade. Disseram que deveria falar com uma senhora chamada Tereza, sobrinha de dona Antônia. Conforme falaram: “A Tereza sabe tudo, ela pode te contar melhor. Procure ela dá próxima vez que vier. Tem também a Valdirene, sobrinha da Tereza, ela sabe das coisas, escreveu até um livro”.

Encerrei o dia de trabalho de campo, certo de voltar e tentar contato com a pessoa que havia me indicado. Uma semana depois, retornei a Borá para procurar a informante. Quando cheguei, por volta das 10 horas da manhã, dirigi-me a um bar localizado na entrada principal da cidade. Este bar era de dona Ana, no momento que cheguei ela estava no balcão, sem nenhum cliente para atender, lia a Bíblia nos intervalos do programa religioso que acompanhava pela pequena televisão suspensa em uma das paredes.

Apresentei-me e em seguida perguntei sobre dona Tereza, questionei se por acaso a conhecia e poderia dizer onde encontrá-la. Mencionei que havia conversado com dona Antônia na semana anterior, mas não havia tomado nenhuma referência de endereço, pois afirmaram que eu a acharia facilmente, como disseram: “é só você perguntar em qualquer casa, todo mundo se conhece, aqui todo mundo é meio parente”.

Dona Ana de prontidão disse:

Ana – Ah, você está procurando a Tereza! Ela mora perto da praça. Você segue reto e depois desce, vai chegar à praça. A casa da Tereza é uma de muros laranja, portão escuro, qualquer coisa você pergunta por lá. Mas, nesse horário, você não vai encontrar ela em casa não. Ela está trabalhando. Ela trabalha no posto de saúde.

Pesquisador – Onde fica esse posto?

Ana – É no final da cidade. Se você seguir essa rua até o final vai conseguir encontrar.

Despedi-me e ao sair do bar segui as informações dadas por minha interlocutora. Fiquei impressionado como ela sabia com exatidão não só os detalhes do endereço de dona Tereza, mas também como conhecia a agenda de suas atividades cotidianas. Realmente, a afirmação de dona Antônia parecia ser de fato precisa. No caminho, em direção ao posto de saúde, resolvi verificar a informação dada por dona Ana. Não porque desconfiasse do que havia dito, mas para testar se o nível de conhecimento sobre dona Tereza era o mesmo para outras pessoas⁶.

Avistei uma senhora, aparentando cinquenta anos, varrendo a calçada e questionei da mesma maneira como havia feito anteriormente. (Disse que procurava por dona Tereza, que gostaria de saber seu endereço ou contatá-la de alguma forma). A resposta foi praticamente à mesma: dona Tereza morava próxima à praça, os muros de sua casa eram de cor laranja, o portão escuro, e naquele horário eu a encontraria somente no posto onde trabalhava.

Ainda curioso com a familiaridade que demonstravam, mudei meu trajeto em direção ao posto de saúde e segui, conforme instruíram para o endereço onde morava dona Tereza. Exatamente como as duas disseram, sua casa era próxima à praça, muros da cor laranja e portão escuro. Ao bater palmas e chama-la, uma vizinha disse que não a encontraria ali naquele horário, “ela está no posto de saúde trabalhando”.

Dito e feito. Encontrei dona Tereza no posto de saúde, local onde trabalhava como voluntária na distribuição de remédios. Ela, com 73 anos de idade (na ocasião de nosso primeiro encontro, em 2011), colocou-se à disposição para me ajudar com as informações que precisava.

Dona Tereza era descendente de uma das famílias pioneiras também. Diferente de Antônia que viera com os pais de Portugal, ela havia nascido em Borá e era descendente dos italianos que chegaram à localidade depois das famílias portuguesas.

Naquele primeiro momento tive a oportunidade de conversar por cerca de uma hora com a informante. Entre os diferentes assuntos que tratamos, perguntei sobre como foi a trajetória das famílias pioneiras ao chegarem ali. Dona Tereza falou que “eram tempos difíceis, não tinha quase nada na cidade, nem hospital, escola, comércio, foi aos

⁶ Pensei que o fato de dona Ana saber tanto sobre dona Tereza poderia decorrer de uma amizade próxima ou um contato privilegiado, isto responderia ter acesso a tantas informações.

poucos que a cidade foi se fazendo”. Recomendou que se eu realmente quisesse saber sobre a história da cidade, deveria falar com sua sobrinha (a mesma mencionada por dona Antônia), Valdirene Marconato, ela saberia informar com precisão sobre os fatos do passado.

Minha sobrinha escreveu um livro sobre a história da cidade. Ela fez pesquisa, mexeu com documentos, tem tudo certinho com ela, você precisa conhecer... Eu não lembro tudo. A gente fica velha e esquece, mas ela sabe até mais do que eu pra te contar.

Perguntei onde poderia encontrar sua sobrinha, ela disse que naqueles dias ela estava em viagem, mas que numa próxima vez que eu viesse ela me apresentaria Valdirene. Conforme o combinado, em outra visita a Borá, minha informante disse que deveria ir até a escola municipal que sua sobrinha trabalhava. Na escola, perguntei para as secretárias por Valdirene, pediram que aguardasse alguns minutos que ela logo viria. Rapidamente, solicitaram para que eu entrasse, assim o fiz. Logo na entrada, Valdirene veio a meu encontro. Cumprimentamo-nos e em seguida disse: “Minha tia falou mesmo que você viria”. Fomos até sua sala para conversar. Disse a Valdirene que dona Tereza havia recomendado que a procurasse, pois ela teria escrito um livro sobre a história local. Minha interlocutora explicou a situação dizendo que seu trabalho na verdade não era um livro, não havia sido publicado, era sua monografia de conclusão de curso em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo), que a tia havia chamado de livro.

De qualquer forma, disse para Valdirene que seria de grande importância ter acesso ao seu material. Na pesquisa que realizou, a autora entrevistou diversos pioneiros, alguns falecidos hoje em dia⁷, também fez análise de documentos e redigiu no formato de um livro-reportagem o texto de sua monografia, exigida como requisito parcial para a conclusão de seu curso.

Valdirene, bastante solícita, disse que faria uma cópia de sua monografia para mim. Como havia uma cópia na biblioteca da escola municipal, pedi que aguardasse que em instantes ficaria pronta. Poucos minutos depois, me trouxe o texto e disse: “É bom que tenha alguém estudando a cidade. Tem muita coisa que precisa ser atualizada, a cidade mudou muito desde que escrevi [em 1997]”. Agradei Valdirene que se dispôs a me ajudar caso precisasse de mais informações e segui o trabalho de campo.

⁷ A monografia de Valdirene Marconato foi apresentada a banca avaliadora da Universidade de Marília (UNIMAR) no ano de 1997.

Procurei extrair desta experiência duas questões preliminares: uma que diz respeito às relações sociais na cidade que acionava a um só tempo o parentesco, a vida em vizinhança, os sentimentos de comunidade e identidade local; e a outra, se refere à autoridade sobre a qual o texto de Valdirene é investido, considerada pelos *boraenses* a mais fidedigna fonte para narrar à história oficial da cidade.

Para tratar da primeira, voltei à atenção para as etnografias que lançassem luz às questões que colocava. Os trabalhos de Ana Cláudia Marques (2002; 2013) e de John Comerford (1999; 2002; 2014), me ajudaram a pensar nas formas de sociabilidade formadas nas relações entre famílias ou no envolvimento da comunidade de amigos.

Ana Cláudia Marques (2013), nas pesquisas que coordenou em Pernambuco e em Mato Grosso, relata uma colocação bastante próxima a de dona Antônia (“aqui todo mundo é meio parente”), quando me indicou onde procurar por dona Tereza. No Mato Grosso, conforme demonstra Marques, entre colonos sulistas que povoaram a localidade para explorar a terra, dizem: “Aqui, quase todo mundo é sulista” (*Idem*, p. 85). Uma expressão que caracterizava a identidade regional daquele grupo. De forma aproximada, a autora também registra que ouviu entre famílias de Pernambuco a expressão: “‘aqui é tudo parente’, dizem os sertanejos a respeito de uma fazenda, uma vila, eventualmente de uma cidade ou município” (*Idem*, p. 86).

Em ambos os casos, diz a antropóloga, esses enunciados não descreviam com rigor a composição populacional das localidades a que se referiam e tampouco esgotavam as identificações coletivas ou pessoais entre os conterrâneos. “Eles, no entanto, indicam modos de descrição e concepções alicerçadas em uma memória coletiva” (*idem*). O que partilham em comum é essa memória, ela é fundamentalmente pautada no parentesco e na descendência que representa.

Nas pesquisas de John Comerford (2003), na Zona da Mata mineira entre membros de sindicatos, o antropólogo identificou que os habitantes da localidade seguiam um esquema de reconhecimento das pessoas “estranhas” que ali chegavam. O pesquisador relata ter sido várias vezes questionado no início do trabalho de campo, se era *parente* de alguém. O parentesco e a relação com o lugar determinava o grau de *familiarização* do indivíduo. De acordo com o autor “Essa maneira de abordar um estranho percorrendo essas localidades rurais revela um pressuposto: a princípio, quem circula nessas localidades ou é morador do lugar ou é parente de morador do lugar” (*Idem*, p. 30).

Além disso, Comerford (2003) observa que entre os moradores daquela região havia uma rede de observação mútua, “cada um possui um conhecimento considerável não só sobre seus parentes como sobre os parentes dos outros” (p. 33). Isto produzia um “auto conhecimento” para cada um sobre aquela sociedade. As formas de sociabilidade desses camponeses, para o autor, delimitavam “territórios de parentesco”, um espaço de familiarização constituído pelas práticas e pela retórica que tinha na família a referência discursiva básica (p. 40).

As primeiras visitas que realizei a Borá, senti claramente o olhar dos habitantes me identificando como um “estranho”, alguém “de fora”. Apesar de terem acostumado com a presença de equipes jornalísticas fazendo reportagens sobre “a menor cidade brasileira”, e também com o maior movimento de pessoas nas épocas de safras da cana quando a usina contratava trabalhadores migrantes de outros estados, sempre sabiam dizer com clareza *quem era e quem não era* habitante da cidade.

Não fui questionado se era parente de alguém, como aconteceu com Comerford, provavelmente porque “conheciam” boa parte dos parentes das outras famílias que eventualmente viajam para visita-los. O “conhecer” as pessoas implicava não somente na ação de conhecimento e reconhecimento, era, na realidade, um *capital local* (para usar a expressão consagrada por Bourdieu), um repertório de informações que apenas os que partilhavam das vivências diárias da comunidade poderiam adquirir, acumular e acionar.

O acesso à agenda diária de cada um (o fato de saberem onde encontrar as pessoas que procurava), as informações compartilhadas na extensa rede de parentesco (constituído desde o início do povoamento), eram demonstrações desse capital. Uma rede de *informantes e informações* me guiou até Valdirene Marconato e seu trabalho monográfico. Ela, mais do que sua tia, uma *testemunha*⁸ dos acontecimentos do passado, era a indicada para contar a história de Borá (como ambas consideraram).

2. O passado como recurso e os narradores autorizados

Nesta parte, gostaria de dar um enfoque especial a monografia de Valdirene. Interessa conhecer como seu texto, tanto na dimensão material como documento quanto

⁸ A característica do testemunho, como sustenta Seligmann-Silva (2008), está alicerçada na relação temporal entre vivência e passado. O testemunho se faz sempre no presente, “na situação testemunhal o tempo passado é presente” (p. 69).

na dimensão dos significados construídos socialmente, ganhara status de registro legítimo da história da cidade.

Um bom exemplo desse prestígio, é que parte do seu texto consta no site da prefeitura municipal, na seção “A Nossa Cidade – História”, como principal fonte histórica sobre Borá. Uma versão impressa foi doada pela autora para a biblioteca da escola municipal para consulta dos alunos no fazer de trabalhos escolares.

O conteúdo que o texto comunica é a perspectiva das famílias mais antigas, produzido por uma descendente dos pioneiros. O texto constrói inúmeros sentidos, um deles é o sentimento de pertencimento manipulado como um *recurso simbólico* (APPADURAI, 1981) para a reprodução da identidade local. É este recurso que legitima a posição das famílias mais antigas e pioneiras em diversas situações sociais.

Nas narrativas sobre como um “lugar começou”, é comum encontrarmos relatos sobre a história e trajetória dos primeiros habitantes. As narrativas contam epicamente como os pioneiros chegaram a um território virgem e o desbravaram. Em Mato Grosso e Pernambuco, Ana Claudia Marques (2013) identificou que as concepções de origem e a história de fundação eram relatadas pela população como se assumissem a posição de *narradores autorizados*.

A chegada de um pioneiro a um território virgem é o marco inaugural da história de um núcleo de povoamento, de acordo com as concepções manifestas nas histórias dos municípios do norte do Mato Grosso e do sertão de Pernambuco, assim como nos relatos de narradores ‘autorizados’ (Appadurai, 1981, p. 203). A formação de fazendas ou sítios e a participação pessoal ou de antepassados no desenvolvimento de um aglomerado populacional fornecem uma moldura no interior da qual histórias pessoais e coletivas são incluídas (MARQUES, 2013, p. 85).

A ideia de narradores autorizados colocado pela autora está embasada em um diálogo com Arjun Appadurai (1981), mais precisamente no artigo *The past as a scarce resource man*, onde o antropólogo indiano analisa os distintos interesses de grupos organizados na disputa pelo controle de um templo sul indiano.

No artigo, o Appadurai considera a dimensão histórica ao observar que o sul da Ásia (diferente do que ocorre em muitas sociedades onde os “mitos” – no sentido clássico do termo – são narrados e constituem uma transmissão oral), conheceu uma civilização letrada por mais de dois milênios. Esse elemento teria sido crucial no desenvolvimento do consenso cultural que gira em torno de provas textuais sobre o passado. Os documentos assumem significados especiais, eles atestam ou legitimam

algo, sendo incorporados no conjunto das relações como o critério essencial para que o consenso se realize.

No caso estudado pelo antropólogo, o grupo privilegiado na disputa eram aqueles que portavam documentos que comprovassem sua legitimidade. Esses documentos administravam o debate em torno do passado. O seu conteúdo (regras ou normas que descreviam os tipos de conduta que deveriam ser seguidos no presente) influenciavam diretamente na política atual de culto no templo.

Assim, diz Appadurai (1981, p. 202): “tomo como certo que o discurso a respeito do passado entre os grupos sociais é um aspecto da política, envolvendo competição, oposição e debate”. O passado pensado nestes termos, como um *recurso*, investe determinados atores e grupos de um conjunto de qualidades, baseadas em consensos culturais, que afirma sua autoridade e legitimidade sobre a gestão dos significados da história coletiva⁹.

Appadurai (1981, p. 203) define quatro dimensões culturais que considera “regras gerais mínimas” na administração que os grupos fazem do passado. São elas: *Authority, Continuity, Depth, Interdependence*. Em todas essas dimensões a *credibilidade* é condicional para a “construção cultural do passado” (*Idem*). É necessário, portanto, que as pessoas (indivíduos e grupo) acreditem para que o consenso se realize.

Em Borá, o grupo que mais detinha essas qualidades era formado pelas famílias descendentes dos pioneiros, as mais antigas no local. Eram os produtores e administradores dessa crença na memória coletiva. Como produtores, o mito dos pioneiros caracteriza-se como uma representação social do passado que evoca sentimentos de identidade e pertencimento; como administradores, as famílias pioneiras e mais antigas atualizam diante das mudanças locais o discurso sobre o passado.

Mesmo antes da reativação da usina, por exemplo, Valdirene Marconato produziu um discurso nostálgico sobre como enxergava as mudanças na cidade. No último capítulo de sua monografia, intitulado *O paraíso por um triz, por aí, pelas ruas do Borá*, a autora escreve com pessoalidade, imprimindo suas percepções sobre o passado, o tempo e a história da cidade. Transcrevo a seguir, alguns trechos extraídos do texto de Marconato.

⁹ Ainda que Valdirene Marconato seja a principal fonte da história de Borá, não significa que todos os moradores da cidade conheçam ou concordem com sua “versão do passado” (Appadurai, 1981: 202). Como bem observa o antropólogo britânico Edmund Leach (1996: 319), “a existência de um arcabouço comum não é, em sentido algum, um indicador de solidariedade social ou equilíbrio” (1996: 319).

Saindo pelas ruas de Borá, vê-se que a tranquilidade é a moradora mais antiga. A lembrança dos fatos do passado é inevitável e desperta saudades. A igreja, onde tive as primeiras instruções em relação a Deus, espera todo ano pela festa de Santo Antônio, o padroeiro. O coreto, palco da antiga banda também é espectador fiel das festas da comunidade. As pessoas levam uma vida normal: portas e janelas abertas, todas curiosas com a presença de um estranho que passa. As ruas mais afastadas oferecem os horizontes, verdes sítios que deixaram outras saudades. Das estripulias de criança e broncas das avós, do certo e do errado. As parabólicas também dividem o espaço sagrado. Do alto de seus suportes modernos, não se lembram dos que vieram de tão longe, lutaram e sofreram para que Borá existisse. Aqui as pessoas não andam apressadas pelas ruas, em busca de ônibus lotados, para chegar a lugares desconhecidos. Borá existe e presenteia com seus requintes provincianos de vila mesmo. A vila das abelhas borá, dos Vedovatti, dos Pelosi, dos Bregolato, Berto, Souza, Caldas, Azevedo, Alegrete, Merci, Furniel, Ferreira, Rodrigues, Camuria, Leovezete, Favato, Marconato, da Rua Calada Da Noite, da Céu Brilhante, da Berço de Outro, marca do tempo e brisa do passado. Brisa. Do passado, do tempo, da história... (MARCONATO, 1997, p. 30-31).

As percepções da autora não apenas constitui a memória coletiva da população, ela é uma narrativa que busca impor sentido às mudanças. Merleau-Ponty (1999, p. 44) diz que “o apelo às recordações pressupõe aquilo que ele deveria explicar: a colocação em forma dos dados, a imposição de um sentido ao caos sensível”.

Appadurai (1981, p. 216) coloca que “o passado é um elemento consciente de interações contemporâneas”. “No templo sul indiano”, diz o autor, “o passado é um componente extremamente importante de debate e divisão no presente” (*Idem*, p. 217). As regras impostas pelos regimentos normativos descritos nos documentos tinham uma dupla função:

[...] por um lado, eles fornecem um conjunto de regras dentro do qual o passado pode ser debatido; e, por outro, eles fornecem uma linguagem para mediar os efeitos da mudança estrutural na continuidade cultural (*Ibidem*).

No caso indiano, é importante ressaltar que os impactos que o colonialismo despertou no sul da Ásia, tocou profundamente a política que regia o discurso sobre o passado. De acordo com Appadurai (1981, p. 203-204),

[...] o impacto colonial moderno no sul da Ásia foi mais longo e culturalmente mais intenso do que na maioria das outras áreas. Como resultado, a política do discurso sobre o passado tornou-se quase completamente separado da linguagem do mito e do ritual, no sentido tradicional. No lugar, eles transformaram os discursos em contos lineares de eventos organizados em torno de textos escritos historicamente datáveis de

uma variedade de assuntos, incluindo documentos legais e administrativos coloniais (tradução livre).

Os processos de mudança social alteraram a forma tradicional como os discursos se apresentavam. As percepções sobre o tempo passaram a ser mais variadas, contudo, eram orientadas de acordo com o objetivo de “regular o debate inerente do passado no presente” (*Idem*, p. 218).

Em Borá, as mudanças sociais desencadeadas após a reativação da usina produziram reações sobre a memória coletiva (HALBWACHS, 1990). Em meio ao processo dessas mudanças, a monografia de Marconato representava a legítima narrativa histórica da história local. O texto científico porta em si o reconhecimento social de sua própria validade (LATOUR; WOOLGAR, 1997). Sem esse reconhecimento, isto é, sem que o grupo identificasse no texto um atributo de autoridade e em seu conteúdo se identificasse, o material em si não valeria muita coisa. Isto nos faz compreender que é o consenso, tal como pensado por Appadurai, que produz e gesta essa autoridade sobre o passado. Ainda que a história narrada não seja coletivizada e que nem todos nela se realizem, mas isso não impede que acreditem e construam sentidos a partir do conteúdo que narra.

Considerações

Em linhas gerais, entendo que o passado entre os *boraenses* é um recurso simbólico na configuração da identidade local e na construção do sentimento de pertencimento. É através do argumento do tempo que as sociabilidades se fundam. Em Borá, apesar de categorias como *família* e *comunidade* denotarem a qualidade das relações, é quando dizem “conhecer” alguém que exprimem os códigos culturais partilhados socialmente entre eles.

É, portanto, preciso ter em mente que o acelerado crescimento populacional, juntamente com o aquecimento das atividades comerciais, atrelados à melhoria na infraestrutura municipal (reforma do cemitério, da praça, do hospital, construção de prédios públicos), a inauguração do conjunto habitacional e a permanência dos migrantes, não são eventos secundários. Ao contrário, eles demarcam mudanças simbólicas no tecer das sociabilidades e nos registros da memória coletiva.

Neste contexto de mudanças, o texto de Valdirene Marconato além de regulador dos debates sobre o passado, é um mediador que organiza as interpretações coletivas

sobre as transformações na cidade. Como busquei apontar, não é Marconato quem administra esse passado, é o seu texto, fruto de sua pesquisa que significa algo importante para os *boraenses*. O conteúdo que o texto trás é que organiza o tempo coletivo. Os atores sociais se valem do tempo como um recurso, é assim que se constituem como *narradores autorizados*, pessoas mais capacitadas do que outras a narrarem determinada história coletiva.

O passado construído pelas famílias pioneiras e mais antigas de Borá é investido de autoridade através do consenso que produz. São as redes de sociabilidades e a memória coletiva que a população local partilha o que sustenta esse consenso e gera dinâmica nas relações. Dessa forma, os *boraenses* operam a construção cultural do passado estabelecendo divisões e hierarquias, produzindo tensões e negociando os valores em jogo, acionando o passado como um recurso sempre que precisam lidar com as questões do presente, atualizando e reconstruindo significados sobre o que é “pertencer”.

Referências

- APPADURAI, A. **The past as a scarce resource man.** *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, 16: 201-219, 1981.
- BORGES, A. **Tempo de Brasília.** Etnografando lugares-eventos da política. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2003.
- CLIFFORD, J. (1998). **Sobre a autoridade etnográfica.** In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- COMERFORD, J. **Como uma família:** sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: NUAP/UFRJ, 2003.
- _____. **Brincando:** estudo sobre uma forma de construção social da amizade e suas reapropriações. In: *Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.
- _____. **Onde está a “comunidade”?** Conversas, expectativas morais e mobilidade em configurações entre o “rural” e o “urbano”. *Ruris - Revista do Centro de Estudos Rurais*, v. 8, n. 2, pp. 8-29, 2014.
- FABIAN, J. **O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto.** Petrópolis: Vozes, 2013.

HALBWACHS, M. *A Memória coletiva*. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HEREDIA, B.; PALMEIRA, M.; LEITE, S.P. **Sociedade e economia do agronegócio no Brasil**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v 25, n74, 159-195. out 2010.

LATOUR, B. e WOOLGAR, S. *A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1997.

LEACH, E. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: Edusp, 1996.

MACHADO, C. E. **Os santos de casa: um estudo sobre família, comunidade e religião no menor município brasileiro**. *Ciencias Sociales y Religion /Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, año 15, n. 19, p. 89-107, jul./dic, 2013.

_____. **Os santos de casa: um estudo sobre família, comunidade e religião no menor município brasileiro**. Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão de curso em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista (UNESP/FFC), campus de Marília, 2014.

_____. **Revisitando os altares domésticos: os usos dos espaços domésticos como parte da experiência religiosa**. *Primeiros Estudos - USP*, n. 2, p. 144-165, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/primeirosestudios/article/view/45950/49552>>. Acesso em: 02 set. 2013.

MARCONATO, V. **Borá: fragmentos do recanto**. Trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social, Jornalismo, apresentado a Universidade de Marília, 1997.

MARQUES, A. C. M. **Pioneiros de Mato Grosso e Pernambuco: novos e velhos capítulos da colonização no Brasil**. *RBCS*, Vol. 28, nº 83, outubro, 2013.

_____. **Intrigas e questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **A “associação” e a “projeção das recordações”**. In: *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SELIGMANN-SILVA, M. **Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, pp. 65-82, 2008.